



UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO SEMI-ÁRIDO  
PRÓ-REITORIA DE GRADUAÇÃO  
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS E HUMANAS  
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS  
CURSO DE LICENCIATURA INTERDISCIPLINAR EM EDUCAÇÃO DO  
CAMPO

RAIMUNDO ALVES FEITOSA JÚNIOR

**ORGANIZAÇÃO COMUNITÁRIA E PRÁTICAS PEDAGÓGICAS NA  
COMUNIDADE QUILOMBOLA DE JATOBÁ/RN**

MOSSORÓ/RN

2022

RAIMUNDO ALVES FEITOSA JÚNIOR

**ORGANIZAÇÃO COMUNITÁRIA E PRÁTICAS PEDAGÓGICAS NA  
COMUNIDADE QUILOMBOLA DE JATOBÁ/RN**

Monografia apresentada à Universidade Federal Rural do Semi-Árido como requisito para obtenção do título de Licenciado em Licenciatura Interdisciplinar em Educação do Campo.

Orientadora: Dra. Jamira Lopes de Amorim

MOSSORÓ/RN

2022

© Todos os direitos estão reservados a Universidade Federal Rural do Semi-Árido. O conteúdo desta obra é de inteira responsabilidade do (a) autor (a), sendo o mesmo, passível de sanções administrativas ou penais, caso sejam infringidas as leis que regulamentam a Propriedade Intelectual, respectivamente, Patentes: Lei nº 9.279/1996 e Direitos Autorais: Lei nº 9.610/1998. O conteúdo desta obra tomar-se-á de domínio público após a data de defesa e homologação da sua respectiva ata. A mesma poderá servir de base literária para novas pesquisas, desde que a obra e seu (a) respectivo (a) autor (a) sejam devidamente citados e mencionados os seus créditos bibliográficos.

F3110 Feitosa Júnior, Raimundo Alves.  
Organização comunitária e práticas pedagógicas  
na comunidade quilombola de Jatobá/RN / Raimundo  
Alves Feitosa Júnior. - 2022.  
40 f. : il.

Orientador: Jamira Lopes de Amorim.  
Monografia (graduação) - Universidade Federal  
Rural do Semi-árido, Curso de Educação do Campo,  
2022.

1. Comunidade quilombola. 2. Organização  
comunitária. 3. Práticas Pedagógicas. I. Amorim,  
Jamira Lopes de, orient. II. Título.

Ficha catalográfica elaborada por sistema gerador automático em conformidade  
com AACR2 e os dados fornecidos pelo(a) autor(a).  
Biblioteca Campus Mossoró / Setor de Informação e Referência  
Bibliotecária: Keina Cristina Santos Sousa e Silva  
CRB: 15/120

O serviço de Geração Automática de Ficha Catalográfica para Trabalhos de Conclusão de Curso (TCC's) foi desenvolvido pelo Instituto de Ciências Matemáticas e de Computação da Universidade de São Paulo (USP) e gentilmente cedido para o Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal Rural do Semi-Árido (SISBI-UFERSA), sendo customizado pela Superintendência de Tecnologia da Informação e Comunicação (SUTIC) sob orientação dos bibliotecários da instituição para ser adaptado às necessidades dos alunos dos Cursos de Graduação e Programas de Pós-Graduação da Universidade.

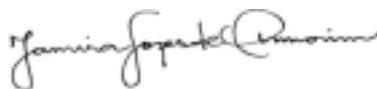
RAIMUNDO ALVES FEITOSA JÚNIOR

**ORGANIZAÇÃO COMUNITÁRIA E PRÁTICAS PEDAGÓGICAS NA  
COMUNIDADE QUILOMBOLA DE JATOBÁ/RN**

Monografia apresentada à Universidade Federal Rural do Semi-Árido como requisito para obtenção do título de Licenciado em Licenciatura Interdisciplinar em Educação do Campo.

Defendida em: 16 / 06 / 2022.

**BANCA EXAMINADORA**



---

Jamira Lopes de Amorim, Profa. Dra. (UFERSA)  
Presidente



---

Luis Gomes Filho, Prof. Dr. (UFERSA)  
Examinador Interno



---

Sandra Maria Gadelha de Carvalho, Profa. Dra. (UECE)  
Examinadora Externa

*Dedicatória*

*À Fabre Suassuna Barreto (In Memoriam).*

## AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, nosso criador do céu e da terra por ter me concedido um momento tão importante, que foi caminhar nessa jornada árdua, mas que foi gratificante, pois sou ciente de que nada em nossas vidas vem fácil, também passando aqui para agradecer a parentes, amigos e familiares.

Agradeço ao senhor Raimundo Alvino Rodrigues, mais conhecido como Tatá, um amigo, conselheiro, um homem íntegro e de boa personalidade. Agradeço também ao senhor Abel Gomes de Souza, mais conhecido como seu Abel, que desde o início me deu todo incentivo em concluir esse curso, mesmo nos momentos de dificuldades, amigos como esses nunca me deixaram na mão.

E por último, não poderia deixar de citar essa pessoa tão ilustre e amável que é a senhora Denise, **minha mãe**, e também ao senhor Francisco Feitosa, meu pai e também aos meus irmãos que de modo geral me ajudaram em tudo. Agradeço também aos funcionários da UFERSA, porteiros, aos funcionários da limpeza, que sempre estiveram na luta para deixar as salas de aula e de estudos bem limpas e preservadas.

Agradeço também aos colegas de faculdade, que sempre estiveram comigo nessa batalha, agradeço aos funcionários da biblioteca da UFERSA que sempre foram cordiais. Agradeço também principalmente a duas pessoas muito importantes nessa jornada, que foram primeiramente o senhor João Cordeiro Filho, uma pessoa ilustre que sempre me motivou e me deu bons conselhos.

Agradeço também à professora Jamira Lopes de Amorim, pois a esta eu não poderia de forma nenhuma esquecer do apoio que a mesma me deu e também as ajudas - à professora Jamira só tenho a agradecer, muito obrigado, nobre Jamira, por tudo!

Também agradecer a uma das pessoas mais importantes de minha vida, que faz parte de minha vida desde 2019 e que só tem contribuído de forma extraordinária em minha vida e desde então sempre me deu a maior força. Uma amiga, uma esposa, Ivaniza, te amo.

Aos professores do curso, que sempre me ajudaram, enfim de maneira geral agradeço desde já a todos e todas aqueles (as) que estiveram comigo nessa jornada, finalizo aqui com meu muito obrigado a todos e todas.

Agradeço à Banca Examinadora que aceitou o convite de avaliar o meu trabalho, todas as observações e sugestões farão a diferença na qualidade da pesquisa.

## RESUMO

O presente trabalho de monografia tem como objetivo central apresentar um panorama da comunidade negra Sítio dos Jatobás, situada no município de Patu/RN. A comunidade conta com atividades organizativas como suas religiosidades e costumes e tradições que são cultuadas ao longo do tempo. Partimos do pressuposto de que, neste território, a presença da educação escolar quilombola, associada à formas diversificadas de organização comunitária que vêm sendo fortalecidas com maior ênfase a partir do reconhecimento da comunidade como território quilombola<sup>1</sup> -, favorece uma dinâmica de organização comunitária importante, que reverbera em processos necessários ao fortalecimento das identidades quilombolas nesse lugar. Nesse sentido, o panorama a que nos referimos envolve, como objetivo específico traçar um mapeamento das principais atividades político-educativas realizadas na comunidade e que envolve o aspecto das religiosidades, a organização da Associação Comunitária, a organização das práticas pedagógicas e os fazeres quilombolas, estas últimas com base na pesquisa desenvolvida por Oliveira (2019). Desta forma, procedemos como caminho metodológico utilizando a netnografia para mapear informações e/ou trabalhos sobre a comunidade, bem como realizamos um mapeamento das atividades, e ao final realizamos entrevista semi-estruturada. Os resultados evidenciam que os desafios para a comunidade quilombola Jatobá se situam em várias dimensões, embora a organização da Associação de Moradores seja um marco que resultou de lutas pelo direito ao reconhecimento, bem como a políticas públicas básicas – como acesso à água, educação e saúde – a garantia plena desses direitos ainda não ocorre. Do ponto de vista da organização e das práticas comunitárias pudemos observar dinâmicas que acenam para a constituição das identidades, que passam pelo campo das religiosidades, das atividades culturais e políticas.

**Palavras-chave:** Comunidade quilombola; Organização comunitária; Práticas Pedagógicas.

---

<sup>1</sup>A comunidade quilombola dos jatobás, localizada a 8 quilômetros da cidade de Patu-RN, é uma das poucas comunidades a ganhar reconhecimento oficialmente. Seu reconhecimento se deu no ano de 2004.

## ABSTRACT

The main objective of this monograph work is to present an overview of the black community Sítio dos Jatobás, located in the municipality of Patu/RN. We assume that, in this territory, the presence of quilombola school education, associated with diversified forms of community organization - which have been strengthened with greater emphasis from the recognition of the community as a quilombola territory - favors a dynamic of important community organization, which reverberates in processes necessary for the strengthening of quilombola identities in that place. In this sense, the panorama to which we refer involves, as a specific objective, mapping the main activities carried out in the community and involving the aspect of religiosities, agricultural production in small backyards, the organization of the Community Association, the organization of pedagogical practices and the quilombola activities, the latter based on research developed by Oliveira (2019). Thus, we proceeded as a methodological path using document analysis, which involved the analysis of the Pedagogical Political Project of the Lauro Maia Elementary School, as well as mapping activities, collecting information with community leaders and following the paths of netnography. The results show that the challenges for the Jatobá quilombola community lie in several dimensions, although the organization of the Residents' Association is a milestone that resulted from struggles for the right to recognition, as well as basic public policies – such as access to water, education and health – the full guarantee of these rights does not yet occur. From the point of view of organization and community practices, we were able to observe dynamics that point to the constitution of identities, which pass through the field of religiosities, cultural and political activities.

**Keywords:** Quilombola community; Community organization; Pedagogical practices.

## LISTA DE FOTOS

|        |                                                          |    |
|--------|----------------------------------------------------------|----|
| Foto 1 | Mapa da comunidade quilombola Jatobá                     | 25 |
| Foto 2 | Primeira casa construída na comunidade                   | 26 |
| Foto 3 | Imagem de Nossa senhora dos impossíveis                  | 31 |
| Foto 4 | Associação de Moradores Quilombolas de Jatobá            | 32 |
| Foto 5 | Representantes da comunidade – Maria José, Rita e Sandra | 34 |
| Foto 6 | Visita à comunidade                                      | 35 |

## SUMÁRIO

|                                                                                                       |    |
|-------------------------------------------------------------------------------------------------------|----|
| <b>INTRODUÇÃO</b>                                                                                     | 11 |
| Cap. I – Principais conceitos da pesquisa: categorias em movimento                                    | 13 |
| 1.1 O encontro com a pesquisa: percursos de vida e formação                                           | 13 |
| 1.2 O que é Quilombo? O que é comunidade quilombola                                                   | 16 |
| 1.3 Educação do Campo e Educação Escolar Quilombola                                                   | 16 |
| 1.4 – Percurso metodológico                                                                           | 18 |
| Cap. 2 – Formas de Organização Comunitária, Práticas Pedagógicas e Fazeres Quilombolas em Jatobá - RN | 22 |
| 2.1 História da Comunidade                                                                            | 24 |
| 2.2 A(s) religiosidade(s) na comunidade                                                               | 27 |
| 2.3 A Associação de Moradores                                                                         | 30 |
| 2.4 A escola da comunidade                                                                            | 35 |
| 2.5 O Projeto Político Pedagógico                                                                     | 35 |
| Considerações Finais                                                                                  | 37 |
| REFERÊNCIAS                                                                                           | 39 |

## INTRODUÇÃO

O presente trabalho de monografia tem como objetivo central apresentar um panorama da comunidade negra Sítio dos Jatobás, situada no município de Patu/RN. As atividades preservadas são nas quais podemos citar: o catolicismo, as danças culturais, as rezas e as reuniões que são feitas ao longo do ano, como as reuniões de fim de ano, reuniões de páscoa e entre outras. Partimos do pressuposto de que, neste território, a presença da educação escolar quilombola, associada à formas diversificadas de organização comunitária que vêm sendo fortalecidas com maior ênfase a partir do reconhecimento da comunidade como território quilombola<sup>2</sup> -, favorece uma dinâmica de organização comunitária importante, que reverbera em processos necessários ao fortalecimento das identidades quilombolas nesse lugar. Nesse sentido, o panorama a que nos referimos envolve, como objetivo específico traçar um mapeamento das principais atividades realizadas na comunidade e que envolve o aspecto das religiosidades, a organização da Associação Comunitária, a organização das práticas pedagógicas e os fazeres quilombolas. Desta forma, procedemos como caminho metodológico utilizando a investigação documental, que envolveu a verificação do Projeto Político Pedagógico da escola municipal Lauro Maia, bem como realizamos um mapeamento das atividades, coletando informações com líderes da comunidade e realizando buscas por meio de *sites*, jornais virtuais e *blogs*. Considerando que estamos vivenciando um momento de emergência sanitária em escala global, a parte de coleta de dados em campo ficou bastante restrita, fato que nos levou a utilizar pesquisas já realizadas sobre a comunidade. Nesse sentido, as práticas pedagógicas que iremos destacar, foram estudadas por Oliveira (2019), bem como outros aspectos que esta autora elenca em seu trabalho.

---

<sup>2</sup> Ao todo, são 60 comunidades reconhecidas como remanescentes dos quilombos no estado, quais sejam: “Boa Vista dos Negros, em Parelhas; Acauã, em Poço Branco; Sibaúma, em Tibau do Sul; Macambira, em Bodó/Lagoa Nova/Santana do Matos; Sítio Moita Verde, em Parnamirim; Negros do Riacho, em Currais Novos; Aroeira, em Pedro Avelino; Jatobá, em Patu; Sítio Grossos, em Bom Jesus; Sítio Pavilhão, em Bom Jesus; Capoeiras, Macaíba; Sítio Pega, em Portalegre; Sítio Lajes, em Portalegre; Sítio Arrojado/Engenho Novo, em Portalegre; Sítio Sobrado, em Portalegre; Gameleira de Baixo, em São Tomé; Nova Descoberta, em Ilmo Marinho; Picadas, em Ipanguaçu; Baixa do Quinquim, em Touros; Geral, em Touros; Bela Vista Piató, em Açú; Cajazeiras, em Santo Antônio; Coqueiros, em Ceará-Mirim; Cabeço do Mendes, em Afonso Bezerra; Currallinho, em Afonso Bezerra; e Lagoa do Mato e Coati, em Luís Gomes”. (CUNHA, 2018, p.32 e 33).

Assim, vale destacar a observação de Oliveira (2019, p.11) sobre o município de Patu/RN, quando a autora afirma que:

Embora reconhecido como rural, aquele espaço não é considerado como sendo todo de identidade quilombola. A referência *quilombola* está situada na comunidade cujo recorte territorial remete-se à presença dos familiares que descendem de João Luiz de Aquino.

Neste ponto, destacamos a pertinência de nosso trabalho, no que tange colocar em evidência os processos organizativos e educativos em torno das identidades quilombolas. No contexto da comunidade de Jatobá, é perceptível a dinâmica de participação da comunidade em torno de pautas coletivas, ao mesmo tempo verificamos nos estudos que essa participação ainda é limitada em alguns momentos, corroborando com o entendimento de Gohn (2013) quando explica os tipos de Movimentos Sociais. A autora argumenta que, dentre as formas de organização, há aquelas que não são de tipo militante com viés político-ideológico.

A conscientização implica, pois, que ultrapássemos a esfera espontânea de apreensão da realidade, para chegarmos a uma esfera crítica, na qual a realidade se dá como objeto cognoscível e o homem assume uma posição epistemológica. (FREIRE, 1980, p. 26)

Nenhuma realidade é porque tem que ser. A realidade pode e deve ser mutável, deve ser transformável. Mas, para justificar os interesses que obstaculizam a mudança, é preciso dizer que “é assim mesmo”. O discurso da impossibilidade é, portanto, um discurso ideológico e reacionário. Para confrontar o discurso ideológico da impossibilidade de mudar, tem-se de fazer um discurso também ideológico de que tudo pode mudar. Eu não aceito, eu recuso completamente essa afirmação, profundamente pessimista, de que não é possível mudar. (FREIRE, 2001, p. 169)

O trabalho está organizado em duas sessões. No primeiro momento, apresentamos os principais conceitos que norteiam a pesquisa, sendo estes: quilombo/comunidade quilombola, educação do campo, organização comunitária/processos organizativos. No segundo momento, apresentamos os dados e análises que foram possíveis no que se refere ao mapeamento das práticas comunitárias. A abordagem foi de natureza qualitativa, com estratégias da netnografia.

A netnografia foi a forma de pesquisa mais aplicável nesse contexto acadêmico, proporcionando ao pesquisador uma visão mais ampla sobre a minha temática.

## **CAPÍTULO 1 – PRINCIPAIS CONCEITOS DA PESQUISA: categorias em movimento**

Procuramos tornar este capítulo o mais compreensível e claro possível, por isso fizemos um recorte dos principais conceitos do trabalho, visando sumarizar as principais ideias e concepções que circulam em torno de: 1) **quilombo e comunidade quilombola**; 2) **educação quilombola e educação do campo** como conceitos atrelados por políticas educacionais específicas no Brasil e, 3) **organização comunitária**, com enfoque nos processos de organização ancorados na teoria dos movimentos sociais. Para iniciar esse trabalho de exposição dos conceitos que movem o estudo, apresentamos nossa relação com a temática, evidenciando o lugar de onde estamos refletindo sobre a organização comunitária da comunidade negra dos Jatobás no município de Patu-RN.

### **1.1 O encontro com a pesquisa: percursos de vida e formação**

Antes de adentrarmos ao estudo do objeto desta pesquisa, é fundamental que apresentemos os motivos que nos animaram a realizar este trabalho, ou seja, revelar de que lugar estamos partindo para abordar a história e as práticas comunitárias da comunidade negra dos Jatobás, no estado do Rio Grande do Norte. O primeiro ponto é que me identifico muito com o povo negro e foi exatamente isso que me fez trabalhar esse estudo, e também, de forma geral eu sempre tive curiosidade de saber mais sobre o que seria a educação quilombola. Por essa razão, realizei algumas visitas à comunidade para fazer observações iniciais, confesso que fiquei surpreso, pois percebi que é um povo rico em suas culturas e a maneira como lidam com isso me deixou ainda muito estimulado a seguir na pesquisa.

Apesar de eu não ser pertencente à comunidade, tenho contato com os principais líderes da mesma, e além de me identificar muito com a questão dos negros na sociedade, desde o início de meu curso tive a curiosidade de trabalhar algo relevante sobre meu município, que é Patu-RN, mas não apenas isso, eu também desejava estudar algo que também trouxesse importância para minha área de atuação, que é a de futuro educador do campo. Somando tudo isso, escolhi pesquisar a comunidade negra de Jatobás, pois eu

tinha muita curiosidade. Curiosidade essa sobre trabalhar um tema que fosse vinculado à minha cidade de origem que é Patu, mas de uma forma que se relacionasse com a minha área de formação, que é a educação sobre esse lugar. Esse desejo de entender melhor sobre os negros na sociedade e como se dá a educação quilombola foi resultado das disciplinas cursadas ao longo do curso, e das atividades desenvolvidas pelos professores que trabalham com essa temática.

Desta forma, **nossas questões iniciais foram:** Qual a importância da organização comunitária no processo de reconhecimento das identidades quilombolas? De que forma acontece a participação e organização em prol das conquistas desse grupo? Essas questões se fizeram a partir das percepções iniciais que tínhamos, sobretudo, porque o enfrentamento do preconceito e a precariedade dos recursos é uma realidade nos Jatobás. Apesar da conquista do reconhecimento da comunidade, ainda persiste um contexto de escassez e desigualdades.

Tendo em vista que a comunidade é bastante visualizada, até porque existe uma circulação de pessoas e grupos diversos, desde Organizações Não Governamentais até grupos políticos organizados, **partimos do pressuposto de que há uma prática de participação** da comunidade em torno de uma agenda coletiva, que visa a melhoria das condições da comunidade, tornando possível preservação de seus valores.

Diante do exposto, considerando que estamos vivendo um contexto de pandemia, escolhemos realizar a pesquisa com as ferramentas possíveis – ou seja, privilegiamos os caminhos do trabalho por meio da internet.

### 1.5 O que é quilombo e comunidade quilombola?

A ideia de quilombo como um local isolado, no meio da mata, ainda é muito comum nos dias atuais. Para Larchert e Oliveira (2013) isto decorre do processo como a História dominante no Brasil consagrou essa ideia. Desta forma, evidenciam que o Conselho Ultramarino, ainda no período colonial, definiu como quilombo “toda habitação de negros fugidos que passem de cinco, em parte despovoada, ainda que não tenha levantados nem se achem pilões nele” (MOURA, 1988, p.16 *apud* LACHERT & OLIVEIRA). Contudo, as autoras explicam que para pesquisadores que estudam mais a fundo a formação e a história dos quilombos estes “carregam em si não o significado de

refúgio de escravos fugitivos, mas reunião fraterna e livre, com laços de solidariedade e de resgate de sua liberdade e dignidade [...] (LARCHERT, OLIVEIRA, 2013, p. 46).

Nesse sentido, Munanga (1996) explica que “quilombo” é uma palavra originária dos povos bantu. Os grupos lunda, ovibumdu, mbundu, kongo, imbangala e outros, originários dos ramos bantu foram os responsáveis por trazer o termo “quilombo” para o Brasil. Munanga (1996, p. 58) destaca que “para entender e captar o sentido da formação dos quilombos no Brasil, precisamos conhecer o que aconteceu nessas regiões africanas de área bantu nos séculos XVI e XVII”. E prossegue argumentando que:

A história do quilombo como a dos povos bantu é uma história que envolveu os povos de regiões diferentes do Zaire e Angola. A tradição oral – com o que tem de lacunas e de imprecisões – continua sendo até hoje uma das grandes fontes de informação da história da África negra (MUNANGA, 1996, p. 58).

Primordialmente, ligado a acampamento guerreiro, divisão administrativa, Larchert e Oliveira (2013) explicam que acerca das denominações atribuídas a essas comunidades foram várias ao longo da história, tendo sido Terra dos Pretos – principalmente nas regiões do Maranhão e de Pernambuco -, Terras de Santo, Mocambo – principalmente no contexto das comunidades negras ribeirinhas do baixo Amazonas -, e Quilombos ou Calhambolas. Recuperar a relação entre quilombo brasileiro e quilombo africano é uma importante estratégia de resistência ao escravismo. Vale também não confundir e criar um ideal de quilombo como em África.

A inserção de pesquisadores negros no âmbito dos estudos sobre essas comunidades foi fundamental para que se pudesse ampliar o conceito e os sentidos atribuídos ao longo do tempo, tendo se firmado no campo da ciência e da produção científica, a exemplo, com as colaborações de Lélia Gonzalez, Abdias do Nascimento, dentre outros. Larchert e Oliveira (2013) não deixam de frisar que até se firmar como conceito, houve também momentos em que foram chamados de “comunidade negra rural” e “território negro”.

A ascensão do Movimento Negro no Brasil, com culminância expressiva a partir da década de 1980 do século passado, resultou nas conquistas legais, tendo sido inicialmente com a Constituição Federal de 1988 preconizado o direito à terra. Assim, na Constituição Federal de 1988, no Artigo 68 no Ato das Disposições Constitucionais Transitórias vamos encontrar a consagração do direito à terra. Alinhado a esse artigo,

vamos encontrar o Artigo 6º da mesma Constituição que trata do direito fundamental de moradia. Algumas legislações mais específicas mencionaremos adiante.

### **1.3 Educação do Campo e Educação Escolar Quilombola**

O termo *Educação do Campo* está diretamente ligado a um contexto de realidade vividas por uma população que, propriamente do campo, mas com interesses voltados às políticas públicas para o campo com o objetivo de trazer para comunidade sempre o melhor. A origem desse conceito não foi propriamente “pronta”, ou seja, isso significa dizer que esse termo não foi diretamente chamado de educação do campo, pois anterior a ele se chamava educação básica do campo, mas em uma conferência na cidade de Luziânia em Goiás no ano 1998, esse termo passou a ser substituído por educação do campo.

A luta quilombola por seu reconhecimento e lugar na sociedade é ainda muito desafiadora, uma vez que as políticas públicas voltadas para o âmbito quilombola são bastante recentes, se considerarmos que o Brasil viveu mais de trezentos anos de escravidão no âmbito formal. Dessa forma, podemos considerar que há ainda muito o que se fazer para que possamos corrigir as marcas deixadas por esse período.

O direito à educação garantido pela Constituição Federal de 1988, proclamado como “educação direito de todos e dever do Estado” nos faz pensar na educação como uma prática social de forma que venha contribuir significativamente para um futuro melhor para nossa sociedade, mesmo diante de um contexto onde todos têm direito à educação, isso nem sempre acontece como está literalmente no papel, é necessário entendermos que ainda vivemos em uma sociedade excludente e com muitas desigualdades, onde os mais privilegiados, historicamente, fazem parte da chamada classe dominante, que constitui-se de pessoas brancas, que instituíram suas visões de mundo e seus valores como formas únicas de existência.

O modelo cultural europeu, americano, ocidentalizado de vida, segue um padrão estético que valoriza e reconhece como belo apenas a branquitude. Os modelos de comportamento sexual heteronormativo, com um tipo de família nuclear, tradicional, conservadora, bem como o modelo social pautado na exploração da natureza e do próprio homem estão na base da estrutura social e mental do mundo moderno. Assim, a

escravidão negra, cujo mecanismo de justificativa se deu na animalização do negro, na brutalização de sua força, entendemos que contribuiu significativamente para a divisão da sociedade com base no preconceito racial, e também consideramos que contribuiu para a para a desistência de pessoas negras e pobres das escolas e universidades por muito tempo. O direito à educação ainda não acontece como deveria, pois no papel formal esse direito é garantido, mas na realidade ele ainda não alcança a todos por várias razões.

Temos a que assegura o direito à educação dos povos quilombolas e do campo, legislação que foi resultado de lutas dos educadores no Brasil todo. A educação do Campo, pode-se dizer, abriu-se como um grande guarda-chuva e abriga em sua multiplicidade de contextos a possibilidade de uma educação contextualizada.

De acordo com Caldart (2012, p. 259) explica que:

A Educação do Campo nomeia um fenômeno da realidade brasileira atual, protagonizado pelos trabalhadores do campo e suas organizações, que visa incidir sobre a política de educação desde os interesses sociais das comunidades camponesas

Nesse sentido, a autora explica que o termo surgiu inicialmente como “Educação Básica do Campo” ainda em 1998 e, posteriormente, em 2002 em decorrência das discussões travadas no Seminário Nacional ocorrido em Brasília/DF. No ano de 2004, o uso do termo foi firmado na II Conferência Nacional. Resumidamente, pode-se dizer que o termo “*campo*” passa a ser utilizado como uma forma de contraposição ao termo “*rural*”. O objetivo do uso desse termo “campo” estava associado à valorização da cultura, das lutas sociais e também do trabalho camponês. Desta forma, tal como afirmam Kolling, Nery e Molina (1999, p. 26):

quando se discutir a educação do campo, se estará tratando da educação que se volta ao conjunto dos trabalhadores e das trabalhadoras do campo, sejam os camponeses, incluindo os quilombolas, sejam as nações indígenas, sejam os diversos tipos de assalariados vinculados à vida e ao trabalho no meio rural. Embora com essa preocupação mais ampla, há uma preocupação especial com o resgate do conceito de camponês. Um conceito histórico e político (...)

A educação escolar quilombola tem como marcos legais importantes as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola. Mais recentemente foi publicado o Parecer CNE/CEB Nº8/2020. Esse documento tem como finalidade imprimir as Diretrizes Operacionais para a Educação Escolar

Quilombola e apresenta um panorama nacional de como essa política vem sendo desenvolvida no Brasil.

Em relação à qualidade da oferta e garantia do acesso dos quilombolas à educação, o documento frisa que há ainda uma falta de escolas nos territórios quilombolas e enfatiza que a oferta do Ensino Médio nessas áreas é muito reduzida. Há ainda a precariedade da infraestrutura e do funcionamento. Conforme os dados apresentados, o documento ressalta que em 79% dos quilombos que recebem escolas, o seu funcionamento não assegura que a educação escolar quilombola seja desenvolvida com base nas Diretrizes Curriculares Nacionais para este segmento.

O documento merece um estudo mais aprofundado, tendo em vista nuances políticas que o permeiam, mas o panorama apresentado mostra que ainda há muitos desafios para que a educação seja garantida à essa população no país.

#### **1.4 Percorso Metodológico**

Esta é uma pesquisa de natureza qualitativa. Significa dizer, a partir de Suassuna (2008), que é a amplitude das explicações e teorias utilizadas que irá conferir qualidade ao andamento e conclusão do trabalho. Pesquisas de natureza qualitativa não têm por finalidade uma busca por verificação quantitativa, bem como nesta abordagem se considera que os fenômenos sociais são multifacetados e plurais, não sendo possível reduzi-los a um esquema simplificador. Desta forma, as interrogações que deram início à investigação vão sendo respondidas no percurso, de forma que:

A análise ocorre paralelamente à observação, na medida em que o pesquisador seleciona aspectos que devem ser explorados e decide o que deve ser abandonado. Assim, as categorias analíticas podem derivar diretamente da teoria que respalda a pesquisa ou surgir do conteúdo dos dados sob análise (SUASSUNA, 2008, p. 349).

É necessário explicar que, em decorrência do contexto de pandemia, não foi possível realizar (inicialmente) nenhuma análise em campo. Este trabalho foi elaborado no contexto entre 2020 e 2021. Assim, procuramos nos subsidiar com o que foi possível, no sentido de uma metodologia que atendesse aos objetivos que escolhemos para a pesquisa. Portanto, tivemos um trabalho que se prolongou por um tempo significativo e isto refletiu em uma pesquisa organizada em algumas etapas.

Dito isto, optamos realizar o trabalho de pesquisa manuseando estratégias da netnografia. De acordo com Aguiar (2019, p. 15),

A netnografia é uma pesquisa observacional participante baseada em trabalhos de campo online e assim como a etnografia, a netnografia é orgânica, natural, que acaba por se desenvolver a partir da utilização de várias práticas associadas, tais como entrevistas, estatísticas descritivas, coletas de dados arquivais, videografia, levantamentos, grupos de foco, etc.

Dentre as possibilidades da netnografia, fizemos uso de diferentes atos de coleta, de modo que foi possível dialogar com os achados entre si, realizar confrontações, leituras e aproximações acerca da comunidade quilombola de Jatobá. Apresentamos abaixo um pequeno roteiro dos atos de coleta, que culminaram, ao fim, com uma inserção em campo – já no ano de 2022. Vejamos:

|                                                                                                                     |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                               |
|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| Pesquisa “A Folha Patuense”                                                                                         | Link:<br><a href="http://aluisiodutra.blogspot.com/2012/12/movimento-patu-2001.html">http://aluisiodutra.blogspot.com/2012/12/movimento-patu-2001.html</a>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                    |
| Pesquisa no Blog de Professor Luíz Assunção                                                                         | Luís Assunção é Professor do Departamento de Antropologia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Na descrição de seu currículo, na Plataforma Lattes, consta que o Laudo antropológico para o processo de reconhecimento da comunidade quilombola Jatobá foi elaborado por ele. O Professor publicou também o livro intitulado “Jatobá, ancestralidade negra e identidade” publicado em 2009. O blog tem bastante material sobre a comunidade de Jatobá, além de interações de pessoas da própria comunidade. |
| Mapeamento de estudos sobre a Comunidade – encontramos 01 trabalho que conversava diretamente com nossos interesses | Dissertação intitulada <b>“EDUCAÇÃO ESCOLAR QUILOMBOLA NA COMUNIDADE JATOBÁ: Práticas Pedagógicas e Fazeres Quilombolas”</b> da autoria de Élide Joyce de Oliveira.                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                           |
| Entrevista semi-estruturada na Comunidade                                                                           | Entrevista realizada em maio de 2022. Fomos recebidos na comunidade por um grupo de moradores que nos aguardava no alpendre de uma das casas. O grupo estava à disposição para responder nossas questões (Ver Roteiro das perguntas nos Apêndices).                                                                                                                                                                                                                                                                           |
| Buscas no <i>Google Scholar</i> e Google                                                                            |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                               |

Soares e Stengel (2021, p.2) explicam que a netnografia se organiza em cinco grandes etapas, sendo:

“...identificação e seleção da parcela da internet que será estudada; a entrada no campo, que é marcada pela observação participante ou não, além da coleta de dados; análise e interpretação dos dados produzidos e, por fim, a redação e o relato dos resultados de pesquisa, articulando-os à teoria. Definir etapas, entretanto, não implica forçosamente uma condução linear e processual de pesquisa, mas passos orientadores para o pesquisador que constrói sua pesquisa de maneira circular. Pesquisar é sempre um processo cíclico que alterna entre avançar, pensar sobre o que foi feito e retornar, caso necessário”.

Nesse sentido, o blog de acordo com Araújo (2010, p. 201) “os blogs são parte de uma crescente conjunção de comunicação pessoal e ferramentas de gerenciamento de informação, fornecem um mar infinito de história e links”. Por estarmos vivendo um período de distanciamento social, em virtude da pandemia da COVID-19, elaboramos nossas perguntas iniciais de pesquisa, sendo elas: Qual a importância da organização comunitária no processo de reconhecimento das identidades quilombolas? De que forma acontece a participação e organização em prol das conquistas desse grupo? Como a comunidade se engaja nas lutas pelas conquistas coletivas? Para responder a essas perguntas, seria necessário seguir os objetivos traçados, quais sejam: **Objetivo Geral:** Analisar a organização comunitária da Comunidade Quilombola Jatobás e suas reverberações para a identidade e as conquistas alcançadas. **Objetivo específico:** Descrever a organização comunitária na comunidade dos jatobás em Patu-rn e suas articulações; Identificar os movimentos que atuam na comunidade e seus principais enfrentamentos nesse processo; Especificar suas crenças e costumes preservados ao longo do tempo.

Desta forma, fizemos uma busca no Google Scholar, utilizando como motores de busca “comunidade negra Jatobá/RN no município de Patu/RN”, nessa primeira busca observamos uma diversidade de estudos realizados sobre comunidades negras do Rio Grande do Norte, tal como Comunidade do arrojado em Portalegre/RN, Comunidade quilombola Negros do Riacho, em Currais Novos/RN Comunidade quilombola de Capoeiras, em Macaíba/RN entre outras comunidades do estado do Rio Grande do Norte. Percebemos que, do ponto de vista daquela produção apresentada, não seria possível alcançar nossos objetivos, pois os resultados da busca trouxeram apenas um

trabalho diretamente ligado à comunidade Jatobá, entre outros que citavam a comunidade de forma indireta.

Por esta razão, fizemos uma busca ampla no próprio *Google*, a fim de verificar o que teríamos como resultado. Utilizando o mesmo motor de busca “Comunidade negra Jatobá/RN” identificamos uma série de páginas, tanto de jornais como de blogs, que traziam muitas informações sobre a comunidade. Feito este primeiro movimento, decidimos utilizar as estratégias da netnografia, de modo a não desprezar os conteúdos localizados, de forma que fizemos um cruzamento de dados e informações que nos possibilitou aquilo que desejávamos inicialmente – que era traçar um panorama da organização da comunidade, etc. De acordo com Montardo e Passerino (2006, p. 2) “hoje os blogs ou weblogs constituem verdadeiros sistemas de micro-conteúdos postados por um grupo de pessoas e que são atualizados sistematicamente”

Então, catalogamos informações e materiais nos seguintes blogs e jornais: Jornal A Folha Patuense; Jornal Carta Potiguar e *blog* do Professor Luiz Assunção, antropólogo pesquisador da UFRN – esse blog foi criado em 2009 e tem atividade contínua até o presente momento em 2022, resultando em 13 anos de atividades, com rico material e interações entre o moderador do blog e visitantes virtuais. Observamos que os filhos dos primeiros habitantes da comunidade interagiram em alguns conteúdos postados, agradecendo ao professor pelo material ali contido.

No que tange às produções localizadas, privilegiamos o uso apenas da dissertação que trata diretamente sobre a comunidade, sendo uma pesquisa defendida no ano de 2019, intitulada “Educação escolar quilombola na comunidade Jatobá: práticas pedagógicas e fazeres quilombolas”. No âmbito da análise documental, utilizamos o Projeto Político Pedagógico da Escola Lauro Maia. Em relação a esta análise utilizamos também o PARECER CNE/CEB N°8/2020.

## **CAPÍTULO 2 – FORMAS DE ORGANIZAÇÃO COMUNITÁRIA, PRÁTICAS PEDAGÓGICAS E FAZERES QUILOMBOLAS NA COMUNIDADE DO JATOBÁ/RN**

Tratar sobre as formas de organização comunitária implica obrigatoriamente dissertar sobre a educação fora dos muros escolares. Nesse sentido, fizemos a opção por esse caminho de reflexões, a partir de nossas observações em relação às dinâmicas de vida da Comunidade negra de Jatobá. Observamos que os processos participativos, que envolvem uma dimensão organizativa e política, têm como pano de fundo o engajamento dos moradores nos processos decisórios, em lutas coletivas que a comunidade vem pautando, com maior ênfase a partir do final dos anos de 1990 – quando criou-se o Movimento Patu 2001.

Nessa direção, é importante destacar o pensamento de Gohn (2011, p. 333) quando afirma que “...a educação não se resume à educação escolar, realizada na escola propriamente dita. Há aprendizagens e produção de saberes em outros espaços, que aqui denominamos de educação não formal”. A participação social em movimentos e ações coletivas gera aprendizados e saberes, ou seja, “há um caráter educativo nas práticas que se desenrolam no ato de participar” (GOHN, 2011, p. 333).

Pelo que consta nos registros que pudemos consultar, o fortalecimento da comunidade teve sua força motriz a partir do engajamento da comunidade por meio da Associação Comunitária dos Quilombolas do Jatobá. O Jornal Folha Patuense, disponibilizou em sua página virtual<sup>3</sup> um histórico da comunidade Jatobá e enfatiza o Movimento Patu 2001. O Jornal destaca o seguinte:

No dia 20 de novembro de 2009 a presidente da associação comunitária dos Quilombolas do Jatobá, Sandra Silva, recebeu das mãos do presidente Lula em Salvador-BA o decreto de regularização de Territórios Quilombolas onde na oportunidade o presidente Lula disse que o governo brasileiro tinha uma dívida com negros e índios desse país.

Nesse ponto, nos parece importante destacar, de acordo com Cunha (2018) que das cerca de 60 comunidades remanescentes dos quilombos, apenas a comunidade de

<sup>3</sup>

Disponível

no

endereço:

<http://aluisiodutra.blogspot.com/2017/10/comunidade-quilombolas-do-jatoba-pos.html>

Jatobá conquistou o título de propriedade das terras<sup>4</sup>. Contudo, é importante contextualizar que houve um processo de construção organizado na comunidade, por meio da presença de sujeitos diversos, que colaboraram para as noções de pertencimento e reconhecimento da comunidade como quilombola. De acordo com Oliveira (2019, p. 49 e 50):

Na comunidade Jatobá a ideia de pertencimento surgiu em 2001, quando um casal angolano pertencente a ONG Kilombo, Organização Negra do RN visitou a comunidade e convidou a líder para uma reunião em Recife e lá ela foi orientada a enviar o ofício a Fundação Palmares e em seguida para o INCRA.

“A autora reitera que “o surgimento ou reconhecimento da presença dessas comunidades negras potiguaras é resultado de formas diversificadas de viver e permanecer no território [...]” (OLIVEIRA, 2019, p. 50). Vale destacar que, a partir do final da década de 1990 houve a confluência de atividades e interesses na comunidade, que tinham como objetivo acabar com a discriminação sofrida pelos moradores do território de Jatobá. Assim, no ano de 1997 surgiram as primeiras atividades de caráter sócio-político, no Jornal Folha Patuense, há uma descrição desse contexto, numa matéria publicada em outubro de 2017, onde se destaca o seguinte “*as mudanças começaram a aparecer quando no ano de 1997 surgiu um movimento de natureza sócio-política, de inspiração revolucionária, denominado de Movimento Patu 2001*”.

Desta forma, “o movimento Patu 2001 foi idealizado pelo médico psiquiatra Epitácio Andrade Filho e contou com a participação do artista plástico Ricardo Veriano, do professor Aluísio Dutra de Oliveira e outras pessoas”<sup>5</sup>. No ano de 2004, foi criada a Associação Comunitária dos Quilombolas do Jatobá, que até o momento funciona como espaço para a organização da comunidade.

De acordo com Oliveira (2019) é por meio dessa Associação que ocorre a principal forma de organização política da comunidade. Nos relatos colhidos na pesquisa de Oliveira (2019), uma das líderes da comunidade, explicou que no momento da criação da Associação ainda não havia uma clareza sobre o que era quilombola. Por esta razão, o cadastro inicial da comunidade foi feito com o nome de todos os moradores, e só foi mudado quando o INCRA veio à comunidade e solicitou o desmembramento de quem não era quilombola – no ano de 2007.

---

<sup>4</sup> Disponível no endereço:

<https://www.cartapotiguar.com.br/2012/11/20/incra-se-imite-na-posse-do-territorio-quilombola-de-jatoba/>

<sup>5</sup> Fonte: Folha Patuense, outubro de 2017. Disponível no link: <http://aluisiodutra.blogspot.com/2017/10/comunidade-quilombolas-do-jatoba-pos.html>

De acordo com Medeiros (2019) o processo de titulação da comunidade teve início em 2004, mas só foi efetivado em dezembro de 2015. De acordo com a autora, a comunidade de Jatobá é a única até o momento, que tem o título definitivo das terras. A autora destaca que a comunidade, que tem 18 famílias, levou quinze anos para essa conquista se realizar definitivamente. São ao todo vinte e oito comunidades quilombolas<sup>6</sup> com certificado de auto-reconhecimento, mas ainda sem o reconhecimento definitivo do ponto de vista jurídico.

Para que o leitor compreenda a proposta de nossa discussão, neste capítulo, é importante apresentarmos a história da comunidade, ainda que de forma breve, com aquilo que recortamos e demos ênfase para corroborar com os objetivos de nossa pesquisa.

## **2.1 História da Comunidade**

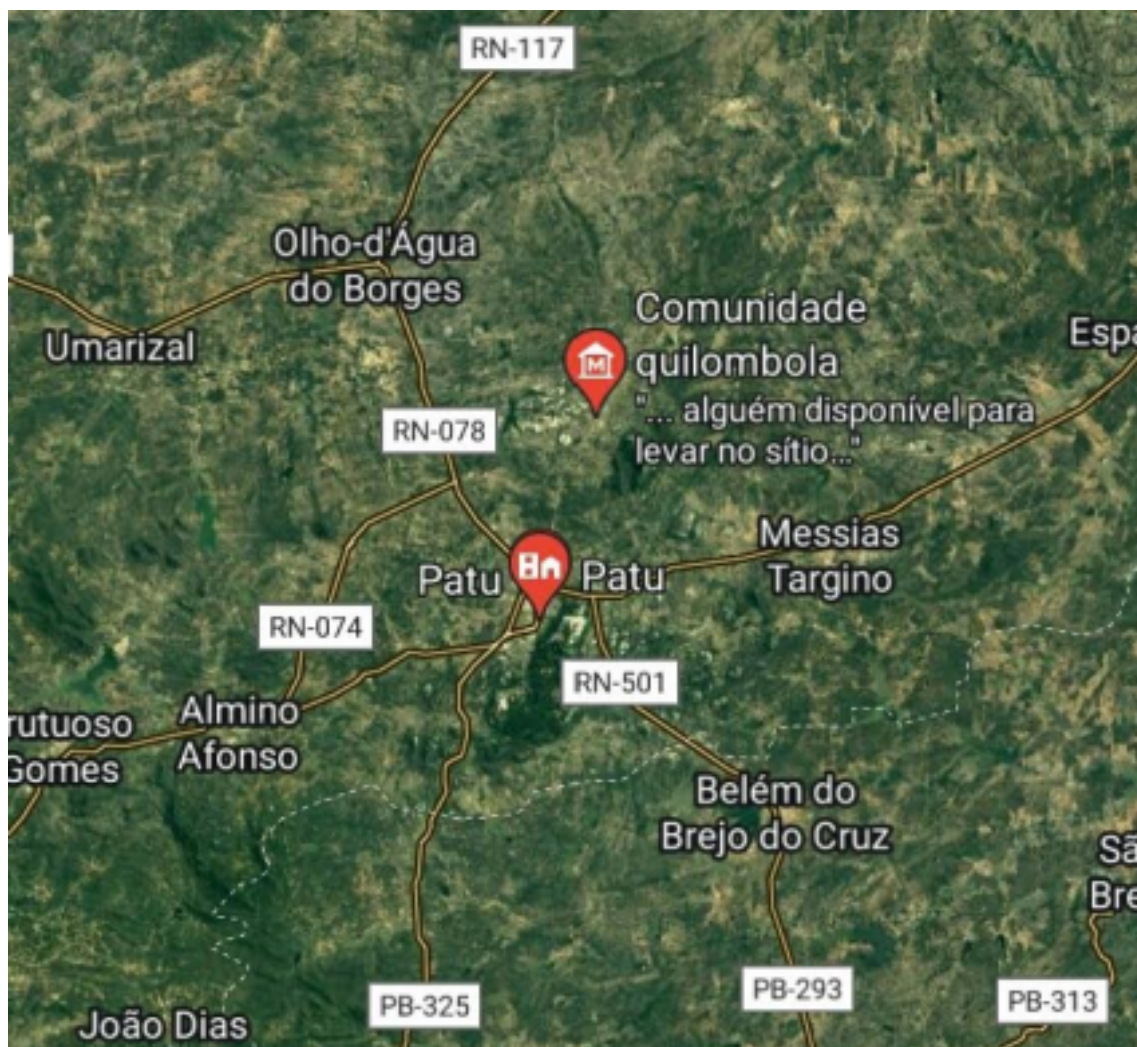
Ao todo, são dezoito famílias residentes na comunidade, em um total de 89 hectares de terra. A comunidade está situada na mesorregião do Oeste Potiguar. De acordo com as informações organizadas por Luiz Carvalho de Assunção<sup>7</sup> (2009) os moradores da comunidade de Jatobá são descendentes de Manoel e Raimunda que foram escravos de Joaquim Teixeira Dantas – proprietário de terras no Patu de Fora, em Patu/RN. Raimunda era índia e no casamento com Manoel teve 13 filhos. Foi João Luiz de Aquino, neto do casal de ex-escravos quem fez a compra do sítio em 31/12/1941.

---

<sup>6</sup> Dessas vinte e oito comunidades, a de maior número de famílias é a comunidade quilombola de Macambira, que tem duzentas e sessenta e três famílias quilombolas. Essas informações podem ser todas verificadas no site da Fundação Palmares – No link: <http://www.palmares.gov.br/>

<sup>7</sup> Luiz Carvalho de Assunção é antropólogo e em seu *blog* consta um amplo material sobre a comunidade Jatobá, tendo a mesma sido referenciada em seu Memorial para efetivação como Professor Titular na Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). O Memorial é intitulado “Uma antropologia traçada pela paixão”, defendido em 2018.

Foto 1: mapa da comunidade:



FONTE: <https://www.google.com/maps/search/mapa+da+comunidade+dos+jatobas+em+patu+rn/@-6.0661472,-37.7555234,11z/data=!3m1!4b1>

Assunção (2009) destaca que a partir dessa compra o sonho pôde se tornar realidade. No *blog* do professor há um acervo fotográfico da comunidade, nas imagens disponibilizadas, há a primeira residência construída na comunidade. Vejamos na imagem abaixo:

Foto 2: Primeira casa construída na comunidade quilombola Jatobá



Fonte: <http://lassuncao.blogspot.com/2009/06/jatoba-fotografias.html>. Fotografia de 2009.

Atualmente, quem reside nesta casa é o filho de João Luiz de Aquino, que foi o responsável pela compra da terra que deu início à comunidade. Observa-se também que os fatos históricos ligados à escravidão negra no Rio Grande do Norte, nas fontes oficiais não são bem delineados, o que dificulta refazer os caminhos desse período no âmbito da escravidão empreendida.

Após a morte do casal que comprou a terra inicialmente, seguiu-se que os sete filhos herdaram a propriedade, mas apenas três permaneceram morando. Rodrigues apud Oliveira (2014, p.5) descreve:

Raimundo Luiz de Aquino, Sebastião Luiz de Aquino e Cícero Luiz de Aquino venderam integralmente a parte do imóvel rural como herança de seus pais. Dos sete filhos de João Luiz e Maria Juliana, apenas três permaneceram na comunidade após a partilha

da herança: Dulcília de Aquino, Francisco Luiz de Aquino e João Batista de Aquino.

## 2.2 A(s) religiosidades na comunidade

No trabalho de Oliveira (2019) localizamos o calendário das atividades religiosas desenvolvidas na comunidade. Vejamos abaixo:

Quadro 1: Calendário religioso da comunidade

|                  |                                                                                                         |
|------------------|---------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <b>Janeiro</b>   | X                                                                                                       |
| <b>Fevereiro</b> | X                                                                                                       |
| <b>Março</b>     | Novenas da Campanha da Fraternidade – o encontro acontece nas casas dos moradores, de segunda a sexta.  |
| <b>Abril</b>     | Semana Santa – Encontros na Capela                                                                      |
| <b>Maiο</b>      | X                                                                                                       |
| <b>Junho</b>     | Fogueiras para Santo Antônio, São João e São Pedro                                                      |
| <b>Julho</b>     | X                                                                                                       |
| <b>Agosto</b>    | Encontro do Mês Missionário                                                                             |
| <b>Setembro</b>  | Dança de São Benedito                                                                                   |
| <b>Outubro</b>   | Peregrinação da imagem de Nossa Senhora dos Impossíveis na comunidade. Festa do padroeiro São Benedito. |
| <b>Novembro</b>  | X                                                                                                       |
| <b>Dezembro</b>  | Natal em Família                                                                                        |

Fonte: Oliveira (2019)

A religiosidade é um aspecto presente na vida comunitária. Chamou-nos a atenção o fato de que no trabalho realizado por Oliveira (2019) dentre a descrição das práticas religiosas da comunidade, a pesquisadora menciona haver as práticas oficiais – que são católicas, pois há a devoção a São Benedito e Nossa Senhora -, bem como destaca que:

Além das práticas oficiais existem outras formas de catolicismo popular, existe na comunidade a crença de que algumas doenças o médico não consegue curar, o que justifica a busca das pessoas pela rezadeira em busca de uma cura e de um chá (OLIVEIRA, 2019, p. 61)

No *blog* de Assunção, verificamos que o antropólogo descreve as práticas religiosas da senhora Nelci da Silva através do que ele denomina como “jurema” – que se tratava de rituais que envolviam a incorporação de espíritos por dona Nelci para realizar trabalhos de cura. Assunção descreve todo o roteiro da “jurema” e destaca, em relação à Nelci, que à época seus serviços de cura e proteção eram procurados por pessoas de diversas cidades. Continua a realizar festas, agora também para orixá e logo após mandar celebrar missa na capela” (ASSUNÇÃO, 2010, s.p).

Dona Nelci passou a receber entidades após ser acometida por uma doença, logo após se casar, e transformou a sala de sua casa em um “centro” para receber pessoas que buscavam cura. Além disso, realizava os rituais da “jurema”, segundo Assunção (2010, s.p):

A “jurema” ficava no mato, perto de sua casa e era conhecida como “a jurema de Nelci”. Ao lado da jurema, existia uma pedreira, onde ela aproveitava para riscar o “signo Salomão”. Na jurema, *“ela fazia a jurema de chão, na jurema, no chão, bem limpinho, na jurema, aí nós ficava sentado no chão, todo mundo cantando”*. Na pedra, ela fazia o símbolo do “signo Salomão” e “trabalhava”, sentada no chão, acendia vela sob o símbolo desenhado. O dia era a segunda-feira.

Em 1993, dona Nelci faleceu e de acordo com Assunção (2010) sua família não deu continuidade à sua prática religiosa, de forma que:

Aos poucos o centro foi sendo desmontado. O pé de jurema foi cortado, *“e ela foi morrendo”*. O “signo de Salomão” foi quebrado. Com a morte de Nelci, morre também sua prática religiosa. Todos se calam.

A morte de Nelci fecha o círculo da presença de elementos da cultura religiosa de matriz africana na comunidade. O tema passa a ser tabu; ninguém mais fala no “xangô” de Nelci. Alguns membros da família chegam a negar a participação de seus parentes nos “trabalhos” realizados pela religiosa. A negação da religião afro-brasileira passa a ser um dos elementos constitutivos na construção identitária do grupo (ASSUNÇÃO, 2010, s.p).

No trabalho de Oliveira (2019) a mesma menciona que a atividade de rezadeira é exercida na comunidade por Dona Dulcília, que apesar de já idosa, ainda realiza tal ofício. No passado, Dona Dulcília era parteira e rezadeira. A

pesquisadora atribui a busca às curas pela falta de um posto de saúde na comunidade. Fato que, em nosso entendimento, mereceria estudo mais aprofundado, evitando-se a generalização e mesmo o preconceito velado com as práticas religiosas diferentes do modelo oficial. Contudo, importa também destacar que, em relação ao trabalho de rezadeira desenvolvido por Dona Dulcília, sua neta de nome Sandra afirma à pesquisadora que ninguém deu continuidade.

A pesquisadora relaciona este fato ao acesso de profissionais da área de saúde na comunidade, que ela denomina como profissionais da “medicina oficial” em contraponto às práticas de “medicina não oficial”. Em nosso ponto de vista, é possível observar um simplismo na interpretação do fato, haja vista que a pesquisadora faz relações, sem contudo, ter verificado de forma detida tal fenômeno.

De acordo com Chaves (2010, p.12) “um trabalho de cura é um rito mágico-religioso para curar uma doença, seja esta entendida como “material”, “espiritual”, ou ambas ao mesmo tempo”. No âmbito da religiosidade e práticas oficiais, Oliveira (2019) informa que os moradores de Jatobá se autodenominam “católicos”. Atualmente, a igreja encontra-se em construção, e as práticas de novenas e rezas são realizadas nas casas dos moradores da comunidade, de acordo com o levantamento de campo realizado por Oliveira (2019)..

Nesse sentido, é possível compreender que o território das identidades quilombolas na comunidade Jatobá é também lugar de disputas. Tanto no que diz respeito às interpretações ali desenvolvidas pelos diferentes agentes externos que circulam em torno da comunidade, como no próprio processo de reconhecimento desses sujeitos sobre si mesmos, suas performances, seu modo de vida. Assim, o processo de reconhecimento da terra é fundamental para que a comunidade possa avançar em seu autorreconhecimento étnico-cultural. É também necessário que, além da terra, seja garantido a esse grupo o seu direito à educação, saúde e cultura.

Situamos esses aspectos relacionados às religiosidades como fazeres quilombolas que permeiam a existência do grupo, em seus tensionamentos identitários. Esses fazeres podem se situar, sem abuso da interpretação a que nos propomos, no âmbito dos processos educativos que ocorrem fora dos espaços formais. Assunção (2009, s.p) afirma que “a negação da religião afro-brasileira passa a ser um dos elementos constitutivos na

construção identitária do grupo”. Desta forma, no trabalho mais recente que utilizamos, a pesquisa de Oliveira, em 2019, observamos que a descrição das vivências religiosas da comunidade estão aparentemente mais centradas num tipo de religião oficial. Coletamos algumas das imagens produzidas por Oliveira (2019), vejamos:

Foto 3: Nossa Senhora dos Impossíveis – altar para a novena



Fonte: Oliveira (2019, p.60)

**Na entrevista que realizamos, já no ano de 2022** – adentramos em algumas questões acerca das religiosidades praticadas pelos moradores, citamos que em alguns trabalhos vimos que havia a prática da Jurema. Então perguntamos o que era a Jurema. Um dos rapazes que estavam no grupo que nos recebeu, afirmou que “é um culto aos ancestrais”, quando perguntamos se ainda era praticado entre os moradores, foi respondido que não. Segundo os moradores, atualmente o culto da Jurema é praticado fora da comunidade, indagamos se havia pessoas da comunidade que frequentavam e foi dito que sim, mas fora. Observamos uma certa “reserva” sobre o assunto. Optamos por não insistir.

### 2.3 A Associação De Moradores

A Associação de Moradores da Comunidade Jatobá foi criada em agosto de 2004. De acordo com Oliveira (2019) é por meio dessa Associação que ocorre a principal forma de organização da comunidade. A pesquisadora menciona que os moradores relatam dificuldades para manter as atividades formais, como reuniões, etc. Apesar disto, a Associação é reconhecidamente o espaço que favoreceu a luta pelo reconhecimento da comunidade como quilombola. Não foi possível localizar muitas informações sobre a Associação. **Quando realizamos a visita, agora em 2022**, não foi possível adentrar em muitos aspectos, tendo em vista que não tínhamos um contato muito próximo com os integrantes da comunidade. Quando chegamos e iniciamos a conversa, falamos em gravar, mas percebemos que não deixaria as pessoas à vontade.

No que concerne à essa realidade da Associação de Moradores, é oportuno frisar, com base em Gohn (2013, p. 239) que “o associativismo predominante nos anos 90 não deriva de processos de mobilização de massa, mas de processos de mobilizações pontuais”, tendo a Associação sido criada já depois dos anos 2000 parece ser parte desse cenário que Gohn retrata. Nesse sentido, diferentemente das mobilizações surgidas de núcleos militantes, com viés político-ideológico mais evidenciado, esses espaços surgem em decorrência das lutas pelos direitos democráticos, num tipo de participação institucionalizada.

Para a autora, "o conceito básico que dá fundamento às ações desse novo associativismo é o de participação cidadã" (p. 239). Nesse lastro, essas ações visavam a universalização dos direitos sociais, ampliando o conceito de cidadania, no bojo das lutas empreendidas em torno dos valores da democracia. **Na entrevista que realizamos, já no ano de 2022 – perguntamos se havia a inserção do Movimento de Mulheres Feministas de Mossoró na comunidade e nos foi respondido que não, mas que houve uma participação das mulheres numa atividade ligada à Marcha Mundial das Mulheres.**

Oliveira (2019) destaca as incertezas dos moradores em relação ao contexto político atual, tendo em vista a mudança de governo. **Na entrevista que realizamos, já no ano de 2022**, os moradores que nos receberam afirmaram que houve um enfraquecimento das ONG's nos últimos tempos. Na percepção dos quilombolas que nos receberam houve uma desarticulação muito grande nos últimos tempos, pois antes do

atual contexto político havia o Fórum das Associações onde os problemas eram levados e lá havia as discussões, ***“na mudança de governo houve uma desarticulação...antes haviam reuniões mensais, todo mundo se conhecia...”*** A pandemia também foi um fator de enfraquecimento dessas atividades.

Oliveira (2019) destaca que a comunidade dispõe de espaços limitados de sociabilidade, tem somente uma escola, ainda sem professores oriundos de comunidades quilombolas e enfrenta má prestação de serviços essenciais que envolve água, transporte coletivo, saúde e segurança. Nesse sentido do que a autora descreveu, na entrevista que realizamos, já no ano de 2022 perguntamos se a comunidade dispõe de posto de saúde. Um dos quilombolas do grupo relatou que *“o médico vem uma vez por mês”*. Perguntamos como procediam em casos de adoecimento e foi dito que *“se adoecer, tem que ir pra cidade”*; *“por que a gente pede um posto de saúde? Porque se tivesse ia ser pelo menos umas três vezes na semana”*. Foi ainda mencionado que o médico faz os atendimentos de maneira bastante apressada, por cerca de apenas uma hora no total para todos os atendimentos. Vale ressaltar que a comunidade fica a 12 quilômetros de distância de Patu, em uma região de formação irregular, de acesso bastante difícil.

Foto 4: Associação de Moradores Quilombolas de Jatobá



Fonte: Oliveira (2019, p.55)

Perguntamos também como ocorria a coleta de lixo na comunidade e nos foi explicado que não há coleta. Os moradores queimam o lixo. Também foi destacado que não há condições de desenvolver a agricultura porque o abastecimento de água ainda é bastante limitado. Perguntamos o que foi conquistado a partir da organização da comunidade, por meio da Associação e o grupo listou: “casas, cisternas, miniadutoras”. Perguntamos quais as ONG’s que faziam e colaboraram com acompanhamento das atividades na comunidade, foram listadas algumas: ONG Juazeiro que fazia o acompanhamento técnico; ONG PDA Novo Sertão que oferecia oficinas de música e ajudou a organizar uma horta comunitária; ONG ASA que ajudou na conquista das cisternas.

Consideramos, com base em Carvalho e Mendes (2014) que a participação em espaços como as Associações são fundamentais para os processos educativos, sobretudo quando estes ocorrem no âmbito comunitário. Esse tipo de participação contribui para que os sujeitos sejam capazes de conhecer melhor seus direitos e seus deveres. Desta forma, as práticas pedagógicas, são descritas por Carvalho e Mendes (2014, p.55) como “processos educativos que ocorrem em outras esferas da vida, como o trabalho, a família, a criação artística e cultural, a participação política, em sindicatos, partidos, associações e movimentos sociais”.

O envolvimento da comunidade por meio dessa participação institucionalizada favorece que haja uma inserção na agenda nacional das lutas quilombolas, tal como vimos ao longo do trabalho a participação dos moradores em atividades de caráter sócio-político.

**Na entrevista que realizamos, já no ano de 2022** – perguntamos à Sandra Silva, uma das representantes da comunidade, qual era o papel da Associação na vida da comunidade. A representante enfatizou: “É pra *estar organizado, porque sem organização ninguém consegue nada*”.

Dentre as atividades organizativas, localizamos alguns registros em sites na internet. Dentre as quais destacam-se: Caravana agroecológica da Associação Quilombola Jatobá, denominada de “Feminismo antirracista” – a participação das mulheres na 4ª Ação Internacional da Marcha Mundial das Mulheres CE/RN – entre 15 e 17 de outubro de 2015. Na foto abaixo, alguns representantes da comunidade em um evento de quilombolas.

Foto 5: Representantes da comunidade – Maria José, Rita e Sandra. Ano: 2010



Fonte: <http://lassuncao.blogspot.com/search?q=jatob%C3%A1>

Perguntamos também como foi o processo de reconhecimento da identidade quilombola na percepção não apenas de Sandra mas também de outros moradores que nos receberam. E ouvimos o seguinte “*Ser reconhecido, a gente não era reconhecido*”; “*No começo muitos não se reconheciam*”; “***Muitos não queriam se afirmar quilombola porque achavam que a escravidão ia voltar, achavam que ia voltar tudo de novo***”

(grifos nossos). Abaixo uma foto da visita que realizamos à comunidade em maio de 2022:

Foto 7: Visita à comunidade



## 2.4 A escola da Comunidade

A Unidade de Ensino Rural Lauro Maia foi criada em 09 de julho de 1967. Atualmente, há em seu quadro 02 professoras – uma da Educação Infantil e outra do Ensino Fundamental de 1º ao 5º. São duas turmas multisseriadas – uma com 08 alunos do Ensino Infantil e outra com 03 alunos do 1º ano; 04 alunos do 2º ano; 04 alunos do 3º ano e 03 alunos do 4º ano – totalizando 22 alunos na instituição. A escola funciona em formato de multissérie. Não foi possível realizar uma visita à escola, esses dados foram coletados do Projeto Político Pedagógico.

## 2.5 O Projeto Político Pedagógico

O Projeto Político Pedagógico por nós coletado, tem a data de 2019/2020, o que de início nos sugeriu que o documento está atual, tendo em vista que o estamos vivenciando uma pandemia desde março de 2020. Ao longo da análise do documento, quando confrontamos as informações ali contidas com o estudo de Oliveira (2019) verificamos alguns desencontros de informações no que se refere ao quantitativo de professores e outros aspectos. Dessa forma, iremos privilegiar a análise do documento que temos.

Embora a escola esteja situada em uma comunidade quilombola, não identificamos nenhum elemento específico sobre educação escolar quilombola. No tópico 10 do documento há um parágrafo intitulado “Concepções de Educação do Campo”, bastante curto, não aborda nada sobre a educação em territórios quilombolas. A abordagem sobre a educação do campo é bastante superficial.

Todo projeto supõe rupturas com o presente e promessas para o futuro. Projetar significa tentar quebrar um estado confortável para arriscar-se, atravessar um período de instabilidade e buscar uma nova estabilidade em função da promessa que cada projeto contém de estado melhor do que o presente. Um projeto educativo pode ser tomado como promessa frente a determinadas rupturas. As promessas tornam visíveis os campos de ação possível, comprometendo seus atores e autores. (GADOTTI, 1994, p. 579)

No documento há a informação de que a escola é vinculada ao Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE) e também ao Programa Dinheiro Direto na Escola (PDDE). Contudo, na leitura que fizemos da pesquisa de Oliveira, a mesma relata que há escassez de merenda na escola, sendo este um dos pontos de insatisfação da comunidade. A escola não dispõe de biblioteca, nem quadra esportiva. Nessa pesquisa que estamos mencionando, a pesquisadora cita um momento em que foi à escola e perguntou à diretora da instituição quantos alunos quilombolas eram matriculados na escola. Ao não saber informar, a mesma chamou a secretária e perguntou: “quem é os quilombolas é só aqueles bem pretinhos? E a secretária confirmou que sim.

**Na entrevista que realizamos, já no ano de 2022,** pudemos compreender melhor como se dá a relação da comunidade com a escola. Um ponto relevante, que não estava claro em nenhum dos materiais que localizamos é que a escola não está localizada dentro da comunidade quilombola, está fora do território demarcado legalmente. Outro ponto elencado por um dos quilombolas que nos recebeu para a visita é que não há

nenhum professor da comunidade na escola e que, para os moradores, seria interessante que tivesse. Segundo o que foi relatado, a escola também atende crianças de fora da comunidade e quando perguntamos se a escola era quilombola, percebemos que não havia uma certeza acerca disto por parte dos entrevistados.

Nesse sentido a educação do campo possui relações com a educação quilombola, tendo em vista que ambas surgem de um contexto de lutas e resistências em seus contextos históricos, mas que muitas vezes querem nos omitir esses dois modelos educacionais que durou décadas para serem reconhecidas, mas que ainda tem muito a melhorar.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A proposta central para o desenvolvimento deste trabalho teve como objetivo principal buscar entender como se dá a organização comunitária na comunidade dos jatobás no município de Patu, de modo geral também a entender quais os principais desafios enfrentados pela comunidade como um todo, mas também trabalhar na perspectiva da educação quilombola na comunidade, pois a comunidade dos jatobás no município de Patu-RN é uma das poucas comunidades reconhecidas oficialmente no Rio Grande do Norte.

As práticas educativas na comunidade se dão através de festejos anuais, bem como as tradições mantidas pela comunidade desde os patriarcas até os moradores atuais. Percebe-se que a preservação ao catolicismo e as rezas é algo que é fortemente preservado na comunidade.

Através de relatos, memórias e documentos, podemos conhecer suas ancestralidades, trajetórias e lutas. A comunidade desde o final da década de 1990 vem trabalhando em prol da mesma e garantindo direitos e formando assim uma comunidade organizativa.

No tocante à escola da comunidade, podemos perceber que a escola não está com um modelo de ensino pautado na educação quilombola, mas que é possível implementar, mas desde que haja um diálogo. E tal diálogo precisa ser atendido conforme as necessidades da comunidade para que possa atender a essa demanda.

Ao longo do trabalho enviamos um esforço de apresentar um panorama da organização da comunidade, além de traçarmos um mapeamento de atividades relevantes que envolvem a Associação de Moradores, as religiosidades que permeiam a comunidade, a organização da comunidade em termos de saúde, acesso à água, etc.

Pudemos constatar que todo o processo organizativo desempenhado pela comunidade está intimamente relacionado com a atuação de Organizações Não Governamentais, configurando um tipo de organização social de base. Esse tipo de organização é característica em sociedades que têm a democracia como princípio. Foi possível também observar que o contexto político atual gerou uma “desarticulação” desse tipo de organização comunitária.

Essa articulação na comunidade se evidencia por meio de organização e planejamento com os/as líderes da comunidade, que atuam sempre em prol da mesma com o objetivo de trazer o melhor. Essas lideranças têm vínculos com diversos segmentos que contribuem para a conquista de benefícios para a comunidade. Dentre os quais podemos citar o apoio de ONG's e também por parte do próprio poder político local.

## REFERÊNCIAS

AGUIAR, Jaqueline Gomes de. A pesquisa etnográfica online em tempos de cultura da convergência. **Revista Observatório**, Palmas, v.5, n.6, p.109-131, out-dez. 2019.

ARAÚJO, Paula Carina de. O blog “na era da informação” como ferramenta de compartilhamento de informação, conhecimento e para a promoção profissional. **Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina**, Florianópolis, v.15, n.1, p.201-213, jan./jun., 2010.

BRASIL. Ministério da Educação (MEC). Conselho Nacional de Educação (CNE). Parecer CNE/CEB nº 8/2020 Diretrizes Nacionais Operacionais para a garantia da Qualidade das Escolas Quilombolas. Disponível em: [http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com\\_docman&view=download&alias=168161-pceb008-20&category\\_slug=janeiro-2021-pdf&Itemid=30192](http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=168161-pceb008-20&category_slug=janeiro-2021-pdf&Itemid=30192).

CARVALHO; Sandra Gadelha de; MENDES, José Ernandi. Práxis educativa do Movimento 21 na resistência ao agronegócio. **Interface: a Journal for and about social movements**, Volume 6(1): 45-73 (maio 2014).

CALDART, Roseli Salete. Educação do Campo. In: **Dicionário da Educação do Campo**. CALDART, Roseli Salete, PEREIRA, Isabel Brasil, ALENTEJANO, Paulo, FRIGOTTO, Gaudêncio. (Orgs). São Paulo: Expressão Popular, 2012, p. 257- 265.

CHAVES, Kelson Gérison Oliveira. Os trabalhos de amor e outras mandingas: a experiência mágico-religiosa em terreiros de umbanda. **Dissertação**. Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais. Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN. Natal/RN, 2010, 178p.

CUNHA, Felipe Gibson. Comunicação e identidades: um estudo sobre as práticas culturais da comunidade quilombola de Capoeiras no Rio Grande do Norte. **Dissertação**. Programa de Pós-Graduação em Estudos da Mídia, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal/RN, 2018, 136p.

FREIRE, A.M. de A. (org.) **Pedagogia dos sonhos possíveis**. São Paulo: Unesp, 2001.

\_\_\_\_\_. **Conscientização: teoria e prática da libertação**. São Paulo: Moraes, 1980.

GOHN, Maria da Glória. Movimentos Sociais na contemporaneidade. **Revista Brasileira de Educação**, v.16, n.47, maio-ago. 2011.

GADOTTI, Moacir. "**Pressupostos do projeto pedagógico**". In: MEC, Anais da Conferência Nacional de Educação para Todos. Brasília, 28/8 a 2/9/94.

GOHN, M. da G. **Sociologia dos movimentos sociais**. São Paulo: Ed Cortez, 2013a.

LARCHERT, Jeanes Martins; OLIVEIRA, Maria Waldenez de. Panorama da Educação quilombola no Brasil. **Políticas Educativas**, Porto Alegre, v.6, n.2, p.44-60, 2013 – ISSN: 1982-3207

MUNANGA, Kabengele. Origem e histórico do quilombo na África. **Revista USP**, São Paulo (28): 56-63, Dezembro/Fevereiro 95/96.

MEDEIROS, Áurea Bezerra. Entre a ocupação, a certificação e a titularidade da terra: a luta pelo direito à terra da comunidade quilombola de Macambira – RN. **Dissertação**. Programa de Pós-Graduação em Direitos Humanos e Cidadania, Universidade de Brasília, Brasília/DF, 2009, 82p.

MONTARDO, Sandra Portella; PASSERINO, Silvana Maria. Estudo dos blogs a partir da netnografia: possibilidades e limitações. **Novas Tecnologias na Educação**, v.4, nº2, Dezembro, 2006.

OLIVEIRA, Élida Joyce. Educação escolar quilombola na comunidade Jatobá: Práticas Pedagógicas e Fazeres Quilombolas. **Dissertação**. Mestrado em Ensino. Programa de Pós-Graduação em Ensino, Universidade Estadual do Rio Grande do Norte, Mossoró/UERN, 2019, 102p.

SUASSUNA, A. **Almanaque Armorial**. Seleção, organização e prefácio Carlos Newton Júnior. 2ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2008.